

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

O Evangelho de Lucas

Lição 12 - "A morte e a ressurreição de Cristo".

Lucas caps. 23 e 24.

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Queridos ouvintes, expressamos a Deus a gratidão pela oportunidade de mais uma vez estarmos juntos, dentro desta série de estudos no Evangelho de Lucas. Nesta oportunidade, estaremos nos voltando para os seus últimos capítulos, 23 e 24.

O processo do julgamento de Jesus continua. Ao juntarmos os relatos dos quatro evangelhos vemos que esse julgamento se desenrolou em seis etapas, três na esfera das autoridades religiosas judaicas e mais três perante as autoridades romanas. Lucas menciona duas audiências na esfera judaica e as três diante de autoridades do império que dominava a Palestina, sendo que é somente Lucas que nos fala da participação de Herodes no processo.

Ao ser apresentado a Pilatos, Jesus é incriminado por três acusações (v.23.2): perverter a nação; vedar o pagamento de tributos a César; e afirmar ser Cristo, o rei. As acusações apresentadas não enfatizam o aspecto religioso pelo qual o Sinédrio tinha condenado Jesus à morte: blasfêmia contra Deus (22.71/ Mt.26.65), mas sim os aspectos que diziam respeito diretamente ao império romano. O evangelista registra que ambos governadores, Pilatos e Herodes, interrogam Jesus e não vêem nele culpa que justifique a condenação à morte. Vemos por 3 vezes Pilatos declarar a inocência de Cristo, nos versos 4, 14 e 22. A condenação é por fim autorizada por insistência da multidão, e Jesus é conduzido ao Calvário, onde é pendurado entre dois malfeitores. É exclusivo de Lucas o diálogo entre os três condenados à morte. A pena capital pela crucificação era cruel e humilhante. Ser crucificado entre dois

malfeitores tornava a humilhação maior ainda, embora lembrando-nos enfaticamente que tanto na vida como na morte Jesus conviveu com pecadores, pois o objetivo de sua vida foi o de buscar e salvar o perdido (19.10). Esse diálogo na cruz também nos ensina a preciosa lição da efetividade imediata da salvação que Jesus propicia: *“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.”* (23.43).

As trevas cobrindo a terra, do meio dia às três da tarde, e o véu do templo que se rasgou são episódios sobrenaturais que marcam a morte de Jesus. A evidência do extraordinário dessa hora é também atestada pelo centurião responsável pela execução da pena e pela guarda do local (Mt.27.54) que declara: *“Verdadeiramente, este homem era justo.”* (23.37).

O sepultamento de Jesus, providenciado por José de Arimatéia em um sepulcro que não tinha sido nunca antes usado, é relatado pelos quatro evangelistas. João acrescenta que Nicodemos acompanhou José de Arimatéia nessa empreitada. Lucas nos informa que esse José era membro do Sinédrio, mas que, contrario a maioria daquela assembléia, não tinha consentido na condenação do Mestre.

O último capítulo desse evangelho nos apresenta os fatos ocorridos após a ressurreição de Jesus, começando por nos contar que algumas mulheres, seguidoras do Mestre foram ao seu sepulcro, ainda na madrugada do primeiro dia da semana, e lá se espantaram e se aterrorizaram ao ver o sepulcro vazio, sentimento que logo se transformou em incrível delírio ao ouvi-

rem o anjo lhes anunciar: “...Porque buscais entre os mortos o que vive? Ele não está aqui, mas ressuscitou....” (24.5-6).

Ao longo dessa revisão do evangelho de Lucas, temos notado os muitos episódios que são exclusivos desse evangelista. O relato da ressurreição de Cristo contém mais uma dessas exclusividades, que sem dúvida devemos arrolar entre os mais belos e inspirativos episódios dos evangelhos. É a história do caminho de Emaús. Nada se sabe dessa aldeia, nem na Bíblia nem por qualquer referência outra que não essa do verso 13 do capítulo 24 de Lucas. Sabe-se que não era longe de Jerusalém, e dois discípulos se dirigiam para lá, ao cair da tarde naquele domingo da ressurreição.

Já foi destacada a importância que Lucas reserva para a caminhada de Jesus e seus discípulos em direção a Jerusalém, que ocupa mais de um terço do relato do evangelho. Aquela foi a jornada da formação dos discípulos. Ouviram do Mestre lições importantes, mesmo que muitas delas não mereceram a devida consideração. Conviveram juntos diuturnamente. Viram Jesus em ação. Anunciaram o evangelho, comissionados e habilitados pelo Mestre. No entanto, aquela longa jornada somente se completa com essa pequena, do caminho de Emaús. A jornada da descoberta do Filho de Deus, da verdade que Jesus lhes quis transmitir, na sua totalidade é essa. Emaús é a caminhada em direção à completa compreensão do evangelho de Jesus, partindo da frustração dos desejos pessoais e terrenos. Ainda era necessário que seus olhos fossem abertos, pois para os dois discípulos a decepção da morte do Mestre era a realidade: “Ora, esperávamos que fosse ele quem havia de redimir a Israel, mas depois de tudo isso....” (24.21). O testemunho da ressurreição era ainda um sussurro sem provas visíveis: “É verdade também que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos surpreenderam, tendo ido de madrugada ao tumulto, e, não

achando o corpo de Jesus, voltaram dizendo terem tido uma visão de anjos, os quais afirmam que ele vive. De fato, alguns dos nossos foram ao sepulcro e verificaram a exatidão do que disseram as mulheres; mas não o viram.” (24.22-24). Precisavam mais uma vez ouvir o testemunho de Jesus sobre si mesmo, como o cumprimento de toda a profecia bíblica. Precisavam ter os seus olhos abertos, e quando isso ocorreu, tudo fez sentido. Uma nova perspectiva se abriu. A escuridão se findou. Antes de terem os olhos desvendados, os viajantes se preocupavam com a noite, apelando ao companheiro de estrada: “Fica conosco, porque é tarde e o dia já declina.” (24.29). Depois, os corações ardentes os fazem enfrentar a estrada, sem temer os perigos da noite: “E, na mesma hora, levantando-se voltaram para Jerusalém, onde acharam reunidos os onze e outros com eles...” (24.33). Que transformação!

Essa é a transformação que nós precisamos experimentar para nos tornarmos de fato verdadeiros discípulos de Cristo. A jornada que nos abra os olhos, nos incendeie o coração. Não apenas o aprender e vivenciar o evangelho de Jesus Cristo, mas, vivê-lo com a mente e com o coração, de tal modo que cheguemos à empolgação de um compromisso de vida, que nos faça exultar com o Cristo ressuscitado, que venceu a morte.

E assim, concluímos essa revisão do Evangelho de Lucas. Concluímos mas não terminamos. Na verdade, o relato desse evangelho continua no livro de Atos, e esta série de estudos reserva o último encontro para adentrarmos na segunda parte da narrativa de Lucas, considerando os primeiros três capítulos de Atos. Até o próximo encontro.